

Está promulgada a nova Constituição

BRASÍLIA — Às 15h48 de ontem, o presidente Ulysses Guimarães assinou um dos cinco originais da nova Constituição, se levantou da cadeira, o mostrou para o plenário e para as galerias — repletas de autoridades e convidados especiais — e declarou promulgada a Carta.

“Falando com emoção aos meus companheiros, às autoridades, chefes de Poder Legislativo que aqui se encontram, senhoras e senhores, e falando ao Brasil, declaro promulgado o documento da liberdade, da dignidade, da democracia, da justiça social do Brasil. Que Deus nos ajude para que isto se cumpra!”, disse Ulysses.

Todo o plenário e as galerias aplaudiram. A partir daquele instante, o Brasil passava a ter a sétima Constituição desde a Proclamação da Independência. Estava inaugurada também a “Quinta República”, segundo observação do senador Luiz Vianna (PMDB-BA).

Ulysses leu depois o compromisso de “manter, defender e cumprir a Constituição”, acolhido com um “assim prometo”, dito em coro pelos constituintes. Depois, foi a vez do presidente José Sarney, que, vestido com a faixa presidencial e a mão direita estendida (e trêmula), leu também o termo de compromisso. A seguir, o presidente do Supremo Tribunal Fe-

deral (STF), ministro Rafael Mayer, fez o mesmo.

A sessão solene de promulgação foi aberta pontualmente às 15h30. Mas os constituintes começaram a chegar bem cedo ao plenário. Duas horas antes alguns já estavam lá, para assegurar lugar, pois as cadeiras não seriam suficientes — quase cem acabaram ficando de pé. Nas galerias foi a mesma coisa. Apenas para as autoridades havia lugares marcados.

PROTESTO “INFANTIL”

Às 15h25, ecoaram em plenário os tiros de canhão que, do lado de fora, saudavam a nova Constituição. Minutos depois chegou Ulysses, acompanhado dos integrantes das mesas da Constituinte, da Câmara e do Senado. Com os braços erguidos, sorridente, ia caminhando pelo corredor central, agradecendo os aplausos.

Ulysses evitou um contratempo no momento da entrada solene do presidente Sarney em plenário: o líder do PDT, Brândão Monteiro, queria registrar um documento. O presidente da Constituinte passou por cima do pedido e antes já não havia dado atenção ao manifesto assinado pelo PDT, PSDB, PSB, PT e PC do B, em protesto contra a presença de Sarney, por ter, segundo os partidos, atuado contra a Constituinte. O líder do PCB, Roberto Freire, que não participou do protesto, classificou-o de “atitude infantil”.



Sarney, Ulysses e Lucena comemoram: fim de um trabalho de 20 meses que dá ao Brasil uma nova Constituição

Clima de festa evita protesto de deputada

BRASÍLIA — No fim da festa o presidente Sarney reconheceu: “Eu me emocionei mesmo no momento em que prestei meu juramento à nova Constituição”. A confissão foi feita durante o coquetel para autoridades, parlamentares e convidados de honra, depois da sessão solene de promulgação da nova Constituição brasileira.

Foi justamente a emoção e o “astral de alegria” que impediu a deputada Beth Azize (PSDB-AM) de entregar ao presidente Sarney um diploma de cartolina parda no qual, com tinta azul de pincel atômico, estava escrito: “Quem jura falso, vai pro inferno”. Beth, vestida de cafetá negro, bordado de pérolas, tinha um diploma também para o senador Mário Covas (PSDB-SP), “tucano que não avoa, dança”, era a mensagem que, como a dirigida ao presidente, só foi exibida para os parlamentares e jornalistas depois da sessão solene.

No dia da festa da nova Carta a irreverência deu o tom. De manhã um casal de pais-de-santo, vindo de São Paulo, roubou a cena do culto ecumênico. Mãe Guy Ya-ogum Té e pai Luiz Carlos de Xangô, convidados do jurista Miguel Reale Júnior, assessor de Ulysses Guimarães, mesmo diante do altar representavam o candomblé brasileiro na bênção da nova Carta Magna. Mãe Guy, filha de Iemanjá, é a nova identidade da ex-atriz Guy Loup, que na década de sessenta viveu na televisão a heroína Isabel Cristina, da novela *Direito de Nascer*. Hoje amiga dos búzios, ela previu: “A nova Constituição marca um renascimento do País. Ulysses é um homem iluminado. Será grande”.

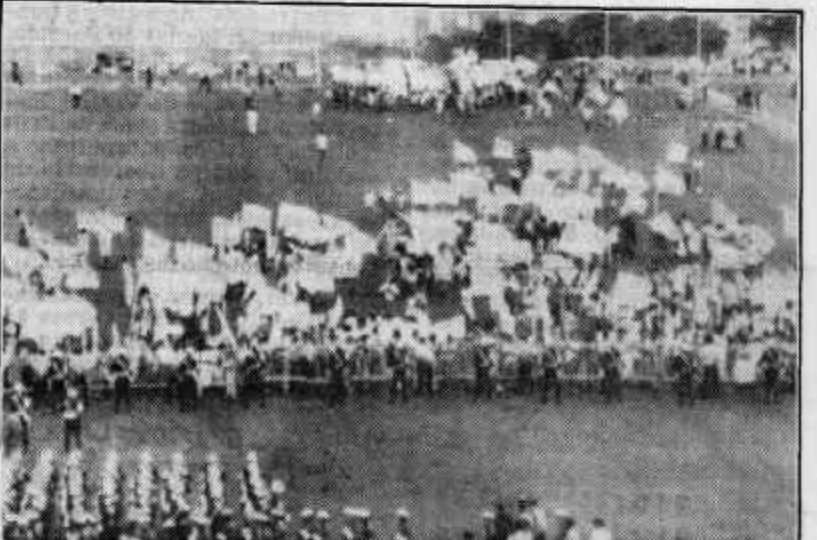
Durante a promulgação da nova Constituição, mesmo sem saber da previsão do candomblé, Francisco, de 11 anos — um dos quatro netos do presidente da Constituinte — fez questão de contar quantas vezes o discurso do avô foi interrompido

por aplausos: “Noventa e duas vezes”, garantiu o menino. Ele assistiu à solenidade no colo da avó, Mora, na tribuna de honra. Depois, exibindo o terno novo de veludo azul, declarou: “Ele (Ulysses) hoje tava demais. Eu era o mais emocionado”. Tão emocionado que exagerou na soma das interrupções: foram 30 e não 92. Sempre bem-humorada, Mora tentou inúmeras vezes, sem sucesso, conversar com sua vizinha, Marly Sarney. Respostas curtas encerravam o diálogo com a mulher do presidente da República, que, muito séria, preferiu trocar confidências com Dóris, mulher do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves.

COCHILOS

No lado oposto à tribuna reservada às mulheres das autoridades estavam ministros e governadores. Ali o sono venceu os ministros Paulo Brossard, da Justiça, e Aluísio Alves, da Administração, que cochilaram até mesmo durante o aplaudidíssimo discurso de Ulysses. O ministro do Exército, general Leônidas Pires, no entanto, esteve atento o tempo todo, particularmente quando o presidente da Constituinte citou o nome do deputado Rubens Paiva (assassinado em 1971 pela repressão política). Nesse momento Leônidas, rosto fechado, trocou confidências com seu colega Abreu Sodré, ministro das Relações Exteriores.

Faltou comida e bebida no coquetel de encerramento da festa e houve tumulto na distribuição de exemplares da nova Carta. O cerimonial cometeu a indelicadeza de não incluir, entre os convidados do jantar oferecido às delegações estrangeiras, os suplentes da Mesa da Constituinte. O que excluiu da comemoração, por exemplo, a deputada negra Benedita da Silva (PT-RJ). Mas no fim do dia Ulysses Guimarães, o herói da festa, analisava: “Foi tudo muito bonito. Estou feliz”.



Havia cerca de mil pessoas do lado de fora

CUT prega repúdio ao texto

BRASÍLIA — Ao saber do extensivo esquema de segurapça que isolaria ontem o Congresso Nacional, os movimentos sindicais liderados pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) recomendaram à população de Brasília para não comparecer à rampa do Congresso. Ao culto ecumênico, realizado pela manhã, estiveram presentes menos de 500 pessoas. E à tarde, cerca de mil acompanharam do lado de fora a promulgação da Carta, fazendo campanha política para o candidato ao governo do DF, Múcio Athayde, “o homem do chapéu”.

Múcio Athayde levou para

o Congresso representantes de Ceilândia, cidade satélite mais pobre do DF, onde mantém seu reduto eleitoral. Com faixas e cartazes, eles pediram moradia ao governador do DF, Francisco Roriz.

A CUT panfletou a cidade e o Congresso Nacional, concluindo o povo a votar “não ao texto constitucional, porque a nova Constituição pouco mudará a vida da população”. Dois imensos bonecos de papelão, representando Ulysses Guimarães e o ministro da Agricultura, Iris Rezende, circularam durante toda a tarde dentro da cerca de arame que isolou o Congresso, provocando risos.